5

Eram seis e meia da manhã quando o despertador de Beatriz tocou.

Ainda de olhos fechados, deslizou o dedo pelo ecrã do telemóvel e prolongou o sono por mais cinco minutos.

O alarme voltou a tocar e ela abandonou a custo o calor da cama. Ficara de garantir que Alice acordava a horas, pelo que pegou no telefone na mesa de cabeceira e ligou-lhe. Enquanto esperava, esfregou os olhos e a boca abriu-se num bocejo. Ao fim de vários toques, não obteve resposta.

Pousou o telefone fixo e fez a chamada através do telemóvel. Talvez o telefone do quarto estivesse fora do descanso. No entanto, em vez de ouvir os sons espaçados da ligação em curso, um clique isolado indicou-lhe que a chamada caíra. Talvez fosse algum problema do seu próprio aparelho, pensou Beatriz. Pressionou de novo o ícone verde e deu início a uma nova ligação. O toque intervalado continuava a não se fazer ouvir. A chamada ia logo para o *voicemail*.

– Queres ver que ela ficou sem bateria...

Alice era desprendida do telemóvel e, sendo aquela data tão emocionante, não lhe parecia descabido que ela se tivesse esquecido de algo tão simples como carregar o aparelho. Contudo, uma parte de Beatriz começou a sentir-se desconfortável. A situação não devia decorrer daquela forma.

Pegou no telemóvel e fez nova tentativa, mas a chamada voltou a cair. O telemóvel da noiva estava mesmo desligado.

— Estranho...

Vestiu o roupão branco do hotel e saiu para o corredor. O quarto de Alice ficava mesmo ao lado do seu. O corredor estava bastante aquecido, pelo que Beatriz, que cruzara os braços preparando-se para o frio, descruzou-os quase de pronto.

A porta era branca e o número 4 dourado refletiu a sua imagem difusa. Bateu duas vezes e esperou.

Nada.

Pressionou de novo os nós dos dedos contra a porta e desta vez também chamou por ela.

— Alice?

A ausência de resposta provocou-lhe uma sensação inquietante. Era o dia mais importante da vida dela, Alice não ia esquecer-se de pôr o despertador. E não tinha o sono pesado, pelo que o telefonema para o quarto já a teria acordado. Bateu à porta com mais força e elevou a voz.

— Alice!

O coração pesava-lhe de uma forma pouco habitual e acelerava o ritmo como se estivesse em fuga. A fugir de uma suspeita que ela não queria que fosse verdade.



Camila acordara antes do despertador tocar e deixara-se ficar mais um pouco na cama. Não lhe apetecia sair dali. As almofadas grandes e fofas e o edredão quente eram uma tentação difícil de largar.

Depois da discussão com a irmã na noite anterior, calculou que Alice já não fazia questão de que ela a ajudasse a preparar-se para o casamento.

Paciência, visto-me aqui. Já estou habituada a ficar sozinha, portanto...

Como o pequeno-almoço lhe seria entregue no quarto às oito, ainda tinha tempo para dormir mais um bocadinho. Aconchegou-

-se no edredão e virou-se de lado. As pálpebras fecharam-se e estava quase a cair no sono profundo, mas o barulho seco de pancadas na porta despertou-a em sobressalto. No espaço de segundos, voltaram a bater à porta.

— Mas o que é isto?! — Camila sentou-se na cama e levou a mão ao peito. — Estes empregados são loucos, bater à porta desta maneira... Ainda por cima, só pedi o pequeno-almoço para as oito.

Afastou o edredão e levantou-se de um salto. Preparava-se para dar uma descompostura ao funcionário, mas, quando abriu a porta, viu Beatriz.

— Sabes da tua irmã?

— Bom dia para ti também. Não, não sei. Nunca te ensinaram a...

— Ela não está aqui?

— Estás a vê-la? — perguntou Camila, abrindo mais a porta. — Porque haveria de estar aqui? Tem um quarto só para ela.

— A Alice não está no quarto.

— Então está onde?

Beatriz suspirou, exasperada.

— Se eu soubesse, achas que teria vindo aqui? Já lhe liguei e bati à porta não sei quantas vezes, mas ela não responde.

— Se calhar não ouviu o despertador. Ou adormeceu outra vez...

Beatriz abanou a cabeça. Nenhuma das hipóteses lhe parecia possível.

— O telemóvel está desligado. Nem toca, vai logo para o atendedor.

— Talvez tenha passado a noite com o Diogo — sugeriu Camila.

— Duvido. Eles quiseram ficar cada um no seu quarto, para se reencontrarem apenas na noite de núpcias.

— Se calhar mudaram de ideias. Já foste ao quarto dele?

— Não.

— Então vai lá. Aposto que a minha irmã passou a noite com ele.

A Suíte do Rei ficava perto da receção e Beatriz pôs-se lá num instante.

Bateu à porta e passaram apenas uns segundos até ouvir a voz de Diogo perguntar quem era.

— Sou eu, a Beatriz.

Diogo tinha os olhos inchados mas recebeu-a com um sorriso. Assim que reparou na expressão dela, o sorriso desapareceu.

— O que se passa? — perguntou ele, fechando a porta.

— A Alice dormiu contigo?

— Comigo? Não. Nós combinámos que só íamos dormir juntos amanhã... quer dizer, hoje.

— Então, não sabes dela?

Diogo franziu o sobrolho.

— Mas que pergunta é essa, ela não está no quarto? Não devias estar a ajudá-la a preparar-se?

— Ela não me responde. Liguei-lhe e bati à porta, mas nada.

— Tens a certeza?

Beatriz esgotara a paciência para perguntas idiotas.

— É claro que tenho a certeza! Por que razão haveria de te dizer isto se não tivesse a certeza?!

— Calma. Só estou a tentar perceber o que se passou.

— Liguei-lhe do telefone do quarto e ela não atendeu. Tentei o telemóvel, mas está desligado. Bati à porta e gritei, mas ninguém abriu. Passou-se alguma coisa, Diogo.

— Ela apenas deve ter adormecido.

— Impossível. Com o barulho que fiz ela teria acordado.

— Então talvez tenha ido dar uma volta...

— Às seis e meia da manhã? Com este frio?

Diogo começou a sentir as mãos a tremer. As explicações plausíveis esgotaram-se e as hipóteses que surgiram ensombraram-lhe os pensamentos. Forçou-se a controlar a voz e disse para Beatriz:

— Eu vou lá contigo.



Beatriz e Diogo voltaram a bater à porta da suíte de Alice e a chamá-la, mas não houve reação.

O barulho que fizeram foi tal, que os tios dele assomaram à porta do quarto, que ficava no mesmo corredor.

— O que se passa, querido? — Graça vinha de camisa de noite e Eduardo de pijama, ambos de olhos semicerrados.

Diogo passou por eles a correr e foi à receção.

— Viram a Alice?

Os dois rececionistas entreolharam-se e responderam que não.

— Têm a certeza?

Rafael e Guilherme repetiram a resposta.

— Temos. Estamos aqui desde as onze e meia da noite e garanto-lhe que ninguém passou por nós.

— Precisamos de abrir a porta do quarto dela, deem-me um cartão.

A urgência na fala de Diogo fez com que nem questionassem o pedido e, em menos de nada, estavam à entrada da suíte 4. O noivo encostou o cartão ao leitor junto à maçaneta e abriu a porta, precipitando-se para dentro.

— Alice!

Beatriz, os tios e o rececionista seguiram-no e uma rápida vista de olhos à sala, quarto e casa de banho indicou-lhes que Alice não estava ali. Abriram a porta para a varanda, mas a esperança desapareceu outra vez. Não havia vestígio dela.

— A cama está feita — apontou Beatriz.

— Mas onde se terá metido? — perguntou Graça, olhando para o sobrinho como se ele pudesse ter a resposta.

— Ela não dormiu aqui — murmurou Diogo, com a voz sumida. A tomada de consciência trouxe-lhe lágrimas aos olhos, ciente de que a explicação para aquilo o faria chorar ainda mais.